ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO IRMÃO & C.ª

Assignatura, em Lisboa 2$000 rs. — para as provincias, pelo correio, 2$200 rs. — Brasil, moeda fraca, 6$000 rs. — numero avulso 50 rs.
Escriptorio, rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

8.º ANNO — 1865



Mosteiro de Santa Maria da Victoria, vulgarmente da Batalha

PROLOGO

Chegar entre nós aos oito annos uma publicação illustrada de gravuras, já se póde chamar a oitava maravilha do mundo portuguez! Instituido e custeado por uma poderosa sociedade, o «genuino» *Panorama* enfermou antes d'essa edade. E nenhum jornal com estampas arribou ainda a tal duração.

Conseguirá este nosso quebrar tão inexoravel fado? Esperâmos que sim; e para isso redobraremos os esforços que até aqui havemos empregado.

Não nos tem faltado incentivos e louvores generosos de toda a imprensa periodica, nem a constancia de numerosos assignantes; e sobre tudo o esteio da magnanima Sociedade Madrépora, á qual principalmente devemos a divulgação do *Archivo*. Mas ainda assim, a extracção é inferior á estrictamente indispensavel para podêrmos dar impulso e incremento á parte artistica, porque n'esta deve o nosso jornal primar, pela sua indole, pelo seu titulo, e para que se veja que não somos os portuguezes incapazes de professar e estimar as bellas artes.

Se hoje se avalia a cultura intellectual das nações pelo numero dos jornaes destinados á leitura do povo; e se, para que esta seja mais attractiva, e acaso mais perceptivel, se pede auxilio ás artes do desenho, não será obrigação de todos os que presâmos a boa reputação da nossa patria, concorrer para que nos não falte este poderoso agente da civilisação?

N'este empenho ninguem excedeu, até agora, os editores proprietarios do *Archivo Pittoresco*. Os volumes publicados mostram o successivo aperfeiçoamento das gravuras, e no que vamos encetar hoje ainda mais se hão de avantajar. N'este progredir grangearemos, de certo, o favor e coadjuvação dos que lêem.

Opprobrio seria para Portugal, n'este seculo, se nem sequer um jornal illustrado de gravuras podesse manter!

Quererá Deus que não passemos por este vexame.

Os Redactores

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

I

O VOTO E O TRIUMPHO

Na existencia das nações, como na dos homens, ha momentos solemnes pela gravidade das circunstancias, pela eminencia do perigo, em que a autonomia d'aquellas e a vida d'estes pendem de um fio tenuissimo.

Portugal viu-se collocado n'essa situação extrema e afflictiva pela morte del-rei D. Fernando.

Estreita leira de terra, physicamente fallando, tornára-se grande, forte e respeitado, pelo valor e união de seus filhos, e pela energia e coragem dos seus monarchas.

Porém a coroa do fundador da monarchia, que passára de herdeiro a herdeiro até ao esposo de Ignez de Castro sempre entretecida de loiros virentes, refulgindo sempre com o reflexo da gloria das armas portuguezas, ao cingir a fronte de D. Fernando, o formoso, perdeu o esplendor, marearam-lhe inteiramente o lustre os revezes da guerra, que a imprudente ambição do moço rei acarretára sobre o seu paiz.

D. Fernando estreiára o seu reinado declarando guerra a D. Henrique II de Castella; e, pouco antes de o terminar, rompeu no mesmo excesso com D. João I, filho e successor de Henrique II.

Os exercitos castelhanos, atravessando e talando a seu bel prazer todo o reino de Portugal, durante aquellas duas campanhas, até virem pôr cêrco a Lisboa, e roubarem-lhe e incendiarem-lhe os arrabaldes, lançaram a nação no maior desgosto e desalento que se póde imaginar. Mas, ainda peior do que os revezes da guerra, foi o effeito moral do procedimento del-rei. D. Fernando, assistindo, quasi presenciando mudo e quedo a marcha dos castelhanos sobre a sua capital, soffrendo com aviltante impassibilidade que o inimigo varresse os campos e açoitasse as cidades a ferro e a fogo, quebrou todos os brios no animo dos portuguezes, deu motivo a dizer d'elle o principe dos nossos poetas:

«Um fraco rei faz fraca a forte gente.»

Como se tudo isto fosse ainda pouco para anniquilar as forças da nação, vieram as discordias civis augmentar os elementos dissolventes do corpo social.

Rendêra-se el-rei ás graças seductoras de D. Leonor Telles de Menezes, que era casada com João Lourenço da Cunha, e tanto cresceu n'elle a paixão, que, cegando-lhe os olhos d'alma, e fazendo-o surdo ás representações de seus conselheiros e ás súpplicas do seu povo, levou-o a tirar a mulher a seu marido, e a dar-lhe com o titulo de rainha a mão de esposo.

D. Leonor tinha tanto de engraçada e formosa como de astuta e dissimulada, de intrigante e vingativa. Imperando absoluta no coração e na vontade del-rei, em quanto procurava abater com uma das mãos as frontes mais altas dos seus contrarios, abria com a outra os cofres da munificencia real, e distribuia liberalmente honras e dinheiro, com que ia reunindo parciaes em torno de si.

D'est'arte se dividiu a nação em parcialidades inimigas, e correu á solta e triumphante a corrupção. Assim se converteu em lucta aberta ou latente todo o longo periodo em que D. Leonor Telles esteve sentada no throno dos nossos reis.

A tantas nuvens que se accumulavam nos horisontes da patria, de dia para dia cada vez mais negras e ameaçadoras, accrescia novo e mais temeroso foco de tempestade, ao tempo em que el-rei D. Fernando jazia moribundo no leito da dor.

A infanta D. Beatriz, filha unica d'este soberano e da rainha D. Leonor Telles, achava-se casada com el-rei de Castella, D. João I; e, em virtude do contrato nupcial, haviam de succeder na coroa d'estes reinos, por morte del-rei D. Fernando, e no caso de não deixar filho legitimo varão, D. Beatriz e D. João I, ficando, porém, com as redeas do governo, como regente, a rainha D. Leonor Telles, até que sua filha D. Beatriz tivesse um filho chegado á edade de 14 annos. Era esta a recompensa que a ambiciosa esposa de D. Fernando exigíra do seu genro pelos serviços que lhe prestára no ajuste d'aquelle tratado. E para que a presa não lhe escapasse das mãos, cuidou com tempo em afugentar do reino os que podiam disputar-lh'a.

Por sua causa viram-se obrigados a expatriar-se seus cunhados, os infantes D. Diniz e D. João, filhos del-rei D. Pedro I e da infeliz D. Ignez de Castro; e acolhendo-se a Castella, ahi foram presos logo que el-rei D. João I recebeu a noticia da morte do sogro. E se a unica vergontea da arvore dos nossos reis que restava no solo natal, D. João, mestre de Aviz, filho bastardo del-rei D. Pedro I, não foi victima de egual ou peior sorte, é porque, mais cauto e melhor aconselhado que seus irmãos, soube livrar-se com astucia de todas as ciladas que lhe armou D. Leonor Telles.

Soou, em fim, a hora fatal para o monarcha e para a nação. D. Fernando baixou ao tumulo ajnda moço, no vigor da edade, mas com o coração envelhecido e exhausto pela lucta das paixões. E a sua morte foi o signal para rebentar em tumultos a cidade de Lisboa,

e depois d'ella todo o paiz, e para invadir as fronteiras do reino o exercito castelhano.

Tudo prognosticava um cataclismo politico, onde se subverteria irremediavelmente a independencia e liberdade dos portuguezes. Porém aquelle instincto da conservação que a Providencia dispensou aos homens, como um pharol mysterioso nas escuras veredas da vida, levou o povo a acercar-se do mestre de Aviz, acclamando-o defensor e regente do reino.

Joven e valoroso, dera a medida da sua ousadia e da sua dedicação pela causa publica, vingando com a morte do conde Andeiro, nas proprias salas do paço real, as affrontas feitas pelo valido ao thalamo del-rei D. Fernando e ao pundonor nacional.

E pouco depois mostrou-se digno do titulo que lhe deu o povo, defendendo Lisboa gloriosamente contra as tropas castelhanas, commandadas em pessoa pelo seu rei, que vieram combatel-a em porfiosos e repetidos assaltos, estreitando-a durante quasi cinco mezes em apertado sitio, não obstante achar-se a cidade mal abastecida de gente d'armas, e, ainda mais, falta de mantimentos.

Á voz eloquente do doutor João das Regras, que fez prevalecer a suprema lei da salvação publica a todas as considerações da justiça e da legitimidade, as cortes reunidas em Coimbra dão a coroa ao mestre de Aviz, e acclamam-n'o D. João I, rei de Portugal.

Mas quando tudo parecia sorrir paz e ventura; quando a victoria, começando a enramar de loiros as nossas armas, compellia o pretendente castelhano a recolher-se envergonhado ás suas fronteiras; quando os tres estados do reino, pronunciado aquelle solemne veredictum, exaltavam novamente o principio da soberania do povo, origem gloriosa da monarchia portugueza, e constituiam a nação em novas e solidas bases; achou-se de improviso Portugal á borda do abysmo que tantas nacionalidades tem sorvido!

El-rei D. João I de Castella, embora desfavorecido da fortuna, não abandonára a sua pretenção ao throno dos nossos reis. Levantando o cêrco de Lisboa, e retirando-se pressuroso para os seus estados, um unico pensamento lhe absorvia todas as faculdades da alma, um só cuidado lhe occupava todo o tempo depois de entrado em Castella; era obter pela força o que os portuguezes lhe negavam pelo direito. Não iam interessados n'isso simplesmente o capricho e a ambição de um soberano. Fazendo valer os pretendidos direitos da rainha sua esposa, e a mais vantajosa condição de um tratado de paz, realisava ao mesmo tempo o sonho doirado dos reis seus predecessores, e de todos os castelhanos, e limpava a nodoa que o valor dos portuguezes lançára sobre a sua coroa real, e sobre as armas de Castella.

Invoca, pois, os brios nacionaes; chama em torno das suas bandeiras a melhoria da nobreza de Castella e de Leão, os populares mais esforçados, e quantos estrangeiros quizeram servir a seu soldo. Empenha todos os recursos do paiz; lança mão de todos os meios; apresta-se por todos os modos para vencer em transe de honra, em lucta desesperada. E eil-o transpondo as raias da Beira, á frente de um exercito de trinta e um mil homens, em cujo numero se contavam oito mil de cavallo, e muitos centenares de francezes, navarrezes e gascões.

Ao mesmo tempo que tão potente exercito se dirigia ao coração do reino, a armada castelhana, composta de quarenta naus, doze barcas, dez galés, tres lanhotes, e cinco barchotes, surgia no Tejo, e se estendia em linha por diante da cidade de Lisboa.

O mestre de Aviz apenas conseguiu pôr em campo seis mil e quinhentos homens, em que entravam só mil e setecentos de cavallo.

Quem não daria tudo por perdido, vendo tamanha desegualdade de forças, e a maior parte da nobreza da nação no arrayal inimigo, e as principaes fortalezas e praças de guerra obedientes á voz de Castella? Mas não tremeram, apesar de tudo isso, nem duvidaram da victoria o mestre de Aviz e D. Nuno Alvares Pereira, o denodado mancebo, que pouco antes fizera seu condestavel.

Ao alvorecer do dia 14 de agosto de 1385 descia a pequena hoste portugueza dos oiteiros visinhos do logar de Aljubarrota para uma vasta planicie povoada de urzes, onde passava a estrada real. Fazendo alto, foi posta immediatamente em ordem de batalha, aguardando o inimigo, que as noticias davam saído de Leiria com direcção a Lisboa, e que a todos os momentos alli era esperado.

Collocadas as tropas convenientemente, segundo a tactica de guerra então usada, o condestavel tomou o commando da vanguarda; el-rei ficou na retaguarda á frente do corpo de reserva; e por detraz de tudo os carros e mulas da bagagem, arranjados a modo de trincheiras, e defendidos por muitos peões e besteiros, além dos pagens, e dos homens de serviço, ou bagageiros.

Assim que el-rei viu tudo prestes, aproveitando o tempo que lhe dava o inimigo, cuidou de se reconciliar com Deus, e de implorar a intercessão de Maria Santissima. Depois de se confessar ao arcebispo de Braga, D. Lourenço, que o acompanhava armado como cavalleiro, e tendo recebido a communhão das mãos do mesmo prelado, exemplo que seus soldados seguiram, prostrou-se humildemente diante de uma imagem da Virgem, que trazia em seu oratorio, e supplicando a sua protecção para as armas portuguezas, fez voto de erigir e dedicar-lhe um sumptuoso mosteiro, se lhe concedesse a victoria na batalha que ia pelejar.

Acabada a oração voltou para o arrayal, e poz-se a armar cavalleiros varios mancebos, com o que se excitava o enthusiasmo das tropas.

Era meio dia quando assomou o exercito castelhano na ladeira de um monte, descendo tambem para o valle. Assoberbava a terra aquella immensa multidão de gente armada, e aquelle exercito, talvez ainda maior, que vinha na retaguarda conduzindo as bagagens. O sol, fazendo scintillar as lanças reluzentes, e as armaduras de fino aço de tantos fidalgos que el-rei de Castella trazia comsigo, augmentava o effeito d'aquella vista, effeito bello e maravilhoso para quem a podesse gozar sem preoccupação, mas aterrador, de certo, para um inimigo incomparavelmente mais fraco pelo numero e pela qualidade do armamento.

Perceberam o mestre de Aviz e o condestavel a impressão desanimadora que tal vista fizera em seus soldados, e sem lhes dar tempo a que o desalento ganhasse forças, correm por todas as fileiras com rosto alegre, ora invocando o nome da patria, ora estimulando os brios nacionaes. A uns recordavam-lhes a superioridade do valor portuguez em tantos combates de que saíram vencidos os castelhanos, sendo elles muitos e os nossos poucos. A outros pintavam-lhes em quadros de vivas côres a sorte de Portugal se caísse nas garras do leão de Castella.

Fallando assim, os seus rostos tornaram-se tão radiantes, e as suas palavras saíam-lhes dos labios tão cheias de convicção, que as suas esperanças e o seu ardor se communicaram a toda a hoste portugueza como por effeito de electricidade.

Entretanto tinha el-rei de Castella disposto o seu exercito em ordem de batalha; de modo que rompeu a peleja, tendo os nossos as faces ainda afogueadas pelo enthusiasmo que lhes accenderam no peito as phrases patrioticas del-rei e do condestavel.

Foi terrivel o accommettimento das duas hostes. Os castelhanos, conscios da sua força, e julgando envolver e desbaratar no primeiro encontro tão fraco ini-



Egreja da Batalha—Face lateral e as capellas imperfeitas

migo, caíram furiosos sobre os nossos ao som da sua grita de guerra: *Castella e Santiago!* Os portuguezes, fortalecidos pelo amor da patria e da liberdade, e cheios de fé na santidade da sua causa, bradando *Portugal e S. Jorge!*, repelliram o inimigo com incrivel valentia. Mas este, repetindo os ataques, e sempre crescendo em numero, punha os nossos em grande aperto e difficuldade.

D. Nuno Alvares Pereira, espalhando a morte entre os adversarios a cada bote da sua espada, fazia prodigios de valor á frente da sua phalange. Outro tanto praticava na direita da linha a *ala dos namorados*. Capitaneada pelo intrepido Rui Mendes de Vasconcellos, e arvorando o seu pendão verde, symbolo da esperança, fazia mil gentilezas d'armas, rechaçando os castelhanos, e sustentando a sua posição como rocha impassivel no meio das ondas embravecidas.

El-rei de Castella, enfurecido com tão obstinada resistencia, reune forças consideraveis, junta-lhes os

seus mais esforçados cavalleiros, e manda carregar o centro da nossa linha.

É tremendo e irresistivel o embate, pela rapidez do movimento, e porque o impelle um esforço desesperado. Debalde tentam os nossos soldados fazer de seus peitos um dique contra a torrente impetuosa. O centro da linha fraqueja em fim, cede ao peso descommunal que o opprime, rompe-se, e franqueia o passo ao inimigo. Mas eis que assoma de improviso o mestre de Aviz com a sua destemida phalange, e faz parar os que julgavam empunhar já a palma do triumpho.

É alli que se empenha a lucta mais encarniçada d'este dia memoravel. Em quanto as duas hostes contrarias pelejam braço a braço, e arcam peito a peito, em duello de morte, o mestre de Aviz, arremettendo com a espada em punho, e á voz de *Portugal e S. Jorge*, pelo meio dos inimigos, desordena-lhes as fileiras, e leva diante de si o terror e a confusão.

Os castelhanos recuam espavoridos, e o primeiro passo que dão para a retaguarda é como o toque da trombeta chamando os portuguezes ao combate geral. O nosso pequeno exercito, animado pela presença do seu rei, estimulado pelo valor e coragem com que elle arrosta todos os perigos, move-se instantaneamente como um só homem, e arremeça-se unido contra o grosso do exercito castelhano.

N'este momento sae d'entre os nossos um guerreiro como raio despedido das nuvens. Vê-se logo tumultuarem os combatentes em torno del-rei de Castella, e em seguida o mesmo guerreiro rompe pelo meio da multidão, abrindo caminho com a espada, e trazendo em volta do corpo um panno de seda com brazão d'armas bordado de oiro. É Antão Vasques de Almada, que fôra arrancar das mãos do alferes-mór de Castella a bandeira real, e que vinha, radiante de gloria, entregal-a ao rei de Portugal!

O inimigo, completamente desordenado, não disputou por mais tempo a victoria. Aquelle grande e lustroso exercito, que pouco antes ameaçava conquistar Portugal, fugia vergonhosamente, disperso e perseguido por um punhado de valentes.

El-rei de Castella foi tão precipitado na fuga, que nada salvou da sua recamara; e tão só e occulto entrou em seus estados, que por algum tempo o julgaram morto na batalha os seus vassallos [1].

O campo ficou juncado de castelhanos mortos no rijo da acção, porém a maior mortandade foi-lhes feita depois de acabada a peleja, deixando-se os fugitivos apanhar quasi sem resistencia. Os escriptores castelhanos calculam a perda do seu exercito em dez mil homens, contando-se em o numero dos mortos muitos fidalgos das principaes familias de Hespanha.

Foi riquissimo o despojo da batalha, pois caíram em poder dos portuguezes o arrayal do inimigo, com todas as bagagens, em que havia grandes riquezas, por quanto, segundo o costume da epocha, os mais ricos fidalgos do sequito del-rei de Castella, entre os quaes se via o infante D. Carlos, herdeiro do throno de Navarra, traziam comsigo custosas baixellas de prata.

O despojo foi repartido entre os soldados; o mestre de Aviz apenas tirou da tenda real doze anjos de prata e o oratorio, tambem de prata, com obra de esmalte, em que D. João I de Castella ouvia missa todos os dias; e d'estes tropheos fez doação á collegiada de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães [2].

A batalha de Aljubarrota ficou commemorada em nossos fastos militares como o mais glorioso feito d'armas dos portuguezes. A gravidade das circunstancias em que se achava o paiz; a desegualdade das forças combatentes; a desvantagem do terreno para os nossos, sendo o inimigo tão superior em cavallaria; a brevidade com que foi alcançado o triumpho, pois dizem que bastou meia hora de combate para aquelles poucos portuguezes desbaratarem tão poderoso exercito; em fim, as consequencias d'este triumpho que assegurou a independencia da nação, e que, firmando a corôa na cabeça do mestre de Aviz, lançou os fundamentos á epocha mais verdadeiramente gloriosa de Portugal; todas estas razões dão, sem duvida, áquella batalha o logar mais honorifico entre as victorias dos portuguezes.

O condestavel D. Nuno Alvares Pereira edificou a ermida de S. Jorge, que ainda se conserva, como padrão do sitio onde teve começo a peleja. E o mestre de Aviz não tardou a cumprir o seu voto, erigindo, a pouca distancia, como digno monumento de tão assignalado feito, o *mosteiro de Santa Maria da Victoria*, que, por sua riqueza e perfeição artistica, se tornou celebre em toda a Europa sob o nome popular de *mosteiro da Batalha*.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

[1] Este soberano fugiu para Santarem, e d'alli veiu embarcado para Lisboa, onde passou para bordo da sua armada, que estava fundeada no Tejo, e que logo saiu em direcção á Andaluzia.

[2] Vid. a gravura que representa aquelle oratorio, e o artigo que a acompanha, a pag. 137 do vol. IV.

SAUDADES

Lembram-te ainda os sustos, as delicias
do tempo em que eras minha?
quando eu desabrochava entre caricias,
todo esp'ranças e amor, todo primicias,
illusão, primavera?!
meu doce amor, oh! quão feliz que eu era!

Anjo! e tudo lá vae!... tudo! oh! supremo
desengano e impotencia!
o meu passado é cinza, é cemiterio.
Em vão clamo e procuro!
fatal, fatal mysterio!
E espreito em vão na funda consciencia
a luz do meu futuro.
Só trevas, ó meu Deus, no ermo onde habito!
Tudo lá vae... sumido na voragem!...
E pensar que não voltas!...
oh! tristeza!... e pensar que essas delicias,
que hoje me pungem; e essas ancias cruas,
que me enamoram hoje; e os meus suspiros
segredados ao vento, e as nossas arvores
tão sabidas, e as nossas longas tardes,
e os cyprestes, e o templo, e os meus assomos
de enthusiastico amor, ardente, infrene,
cháos de nadas que valia mundos...
tudo ahi jaz! sem tornada!
e esse *tudo* é-nos hoje o olvido! o nada!

Ao recordar... mil vezes
me afogam, me derrubam estas lagrimas
que me pungem, que eu amo,
porque são pranto e sangue teu!

Que vezes
(nunca o sabías tu) que vezes, mudo,
nas horas mortas, quando os mais dormiam,
fui mirar do luar á luz soturna
as janellas que ás tardes me sorriam,
o clarão da tua lampada nocturna!
as torres ponteagudas do mosteiro,
a lageada sonora portaria,
e entre as urzes da bronca penedia
ouvir os choros longos do ribeiro!

Que vezes não busquei sósinho as arvores,
o campestre remanso, a natureza,
confidente de amor aos meus amores!

Que vezes de manhã, parando extatico,
de longe te não vi no teu terrado,
sacudir, preparar, pôr ao ar livre
as tuas avesitas! Que feitiço
em cada gesto! em cada olhar! sorrias,
fallavas-lhes, brincavas... Innocente!

Oh! serena quadra aquella!
tu, singela e descuidosa,
graciosa como as aves,
toda luz, toda harmonias,
reflorias sob o sol;
e como ave, em teus gorgeios
saudavas o arrebol.

Eu de longe, eu todo acceso,
curvo ao peso da alegria,
em poesia me esfolhava,
me embalava ao som das brisas,
pobre arbusto! pobre flor!
e era em versos que mandava
o meu preito ao meu amor.

....

Silencio! escuta!... uma guitarra. Ouviste?
alguma serenata; algum descante.
Quanto nos diz, entre o silencio triste
essa viola errante!

....

Queixumes! muito amor!... Dir-se-hia o mesmo
vago instrumento quérulo
que usavamos ouvir; não te recordas?

....

Cessa, guitarra, cessa, que espedaças
co'o teu carpir de rôla a corda e corda
a fibra e fibra est'alma! Oh! por piedade,
cessa! não mais...

É ella!... É ella, a mesma.
Oh! solidão!...............................
.... Passou. Fugiu. Deixou-me;
só; só co'a minha dor...

Tinha a guitarra
n'aquelles serões nossos (não te lembras?)
a poesia das noites, o mysterio
da immensidade azul; ria comnosco,
tinha amor, tinha esp'rança, tinha lagrimas...
E hoje...

Alta vae a lua. A serra ao longe
esplende carrancuda e melancolica;
o ceo vasto e purissimo. Eu nos braços
a cabeça encostei, e a mente adeja-me
a ulular nos abysmos da saudade!...

Fevereiro de 1860. JULIO DE CASTILHO.

ABENÇOADA SEJA A FAMILIA!

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

I

O auctor d'este conto, que ha vinte annos vagava em Madrid como ave sem ninho, suspirando por um lar que podesse chamar seu, tem já lar e familia, graças a ti, Deus louvado, que lhe déste companheira com quem compartir alegrias e tristezas na longa jornada da vida, que segue com a fadiga no corpo, e a resignação na alma!

Senhor! ao entrar no seio da familia, as minhas primeiras palavras devem ser para abençoal-a; e esta benção á familia é o conto que vou contar áquella de quem, sentado debaixo das arvores que sombreiam a casa de meus paes, espero dizer um dia ao viandante:

— Eis-aqui a santa mãe de meus filhos!

II

Entre as recordações que trouxe, meu amor, do valle natal, e que por espaço de vinte annos de trabalhos e desgostos conservei ungidos com o perfume da innocencia com que saíram d'aquellas queridas montanhas, havia muitas cuja guarda confiei já ao *Livro dos cantares* e aos *Contos côr de rosa;* mas são tantas as que ainda encerro no meu coração, que, dizendo a este: «devolve-me o thesoiro que te confiei quando por ultima vez voltei desconsolado os olhos para o lar de meus paes!», tenho tudo quanto necessito para captivar a tua attenção, e commover a tua alma affectuosa e boa.

Vês essas montanhas que se levantam ao norte, quasi sempre cobertas de neve? Subamos com o pensamento mais alto, muito mais alto que essas montanhas, até que descubramos um torrão do mundo que tem o nome de Encartações, e n'esse torrão descubramos outro infinitamente mais pequeno que tem o nome de Cabia.

Cabia, que no idioma vasconço significa ninho, é propriamente um ninho formado de folhas e flores, que abriga dez ou doze casas, alvas como a neve, e um modesto templo da mesma côr dedicado ao santo do meu nome.

Estreito valle corta o espaço de uma legoa entre duas cordilheiras de elevadas montanhas, e vae morrer no mar.

Na falda do monte, para o levante, fórmam especie de degrau duas collinas parallelas, separadas apenas por estreito barranco.

No portico da egreja parochial de Cabia ha uma escada de pedra, cujo primeiro degrau, composto de uma só peça, se quebrou ha muitos annos com as chuvas que o embrandeciam, ficando no meio dos fragmentos um fundo canal por onde se precipita a agua, quando Deus rasga as cataractas do ceo.

Assim se divide, trabalhado pelas aguas, o degrau que em outro tempo dava accesso aos cumes do oriente de Cabia, e assim se precipitam agora as aguas pelo profundo e largo canal aberto entre os fragmentos da escada.

O regato desce por entre as duas collinas, queixando-se da escabrosidade do caminho, e correndo como a pedra sôlta na cúspide do Pico-Cinto ou Colisa, persuadido de que o mau caminho deve percorrer-se depressa; mas ao chegar ao ultimo declive da collina, os murmurios são mais apagados, a colera é menos espumante, e quando chega á base apenas se ouve a agua, tão serena vae.

Na base da collina, o regato não murmura, sorri com prazer porque alli encontra nogueiraes e cerejeiras, a cuja sombra descança de suas fadigas, labios frescos e rosados que o beijam, e formosos jardins e hortas que o perfumam com flores e fructos, onde vae passeiar para se distrahir, e receber as orações de maracoteiros e macieiras que lhe arrojam as flores aos punhados.

A collina do sul levanta-se ligeiramente á direita, e a do norte á esquerda, para protegerem dos lados a pequena aldeia de Cabia; e Cabia, assim protegida, vive contente, tranquilla e feliz, esquecida dos homens, mas lembrada de Deus, que é o que mais lhe importa.

As dez ou doze casas de Cabia estão agrupadas sem ordem n'um espaço de tresentos metros, dominando-

as a egreja, onde os moradores da aldeia encontram nos dias festivos o maior jubilo.

Tem a aldeia, ao norte, um regato, que corre á sombra de avelleiras e videiras; e ao sul uma fonte, que brota caudalosa, cristallina e fresca ao pé de corpulento castanheiro, cuja edade passa de seculo, porque Juancho, que tem mais de oitenta annos, diz que já no seu tempo se escondiam os rapazes da aldeia no ôco do tronco do mesmo castanheiro, para soprenderem as namoradas, em quanto estas esperavam que os cantaros se enchessem na fonte, e lhes darem um par de abraços como um par de soes.

Para que inteiramente conheças a aldeia onde occorreu o que vou narrar-te, só me falta accrescentar que ao occidente de Cabia, isto é, como quem desce ao fundo do valle, onde estão a egreja matriz e a principal do concelho, ha um bosque de nogueiras, e no bosque a ermida onde se celebra a romaria de S. Roque.

A casa de D. João Urrutia, por alcunha João Palomo, o proprietario mais abastado de Cabia, foi construida no campo da egreja. É um edificio antiquissimo. Vê-se na porta um escudo de pedra, e em uma das esquinas está um quadrante, tambem de pedra, que presta grandes serviços aos visinhos, pois se não fosse elle nunca saberiam a que horas viviam. Por cima da porta, e por conseguinte sobre o escudo, ha espaçosa janella de madeira, e na janella se estende a pomposa ramagem de duas trepadeiras, que sobem do vestibulo fazendo repetidos *ss*.

No extremo opposto do mesmo campo da egreja, povoado de nogueiras, cerejeiras e outras arvores de fructo, á excepção do pequeno espaço que serve de eira commum á aldeia, está a casa de Antonio de Molinar, formando singular contraste, por sua modestia, com a do outro lado do campo. Á esquerda da porta tem um forno com telheiro, onde se guardam a lenha e o pinho, um carro e diversos instrumentos de lavoira, entre os quaes um arado, uma grade e quatro pás; e á direita ha uma formosa cerejeira, cujos ramos occultam quasi toda a fachada do edificio.

O primeiro andar serve de habitação a Antonio e sua familia; o pavimento inferior, de cavallariça, curral e adega; e o pavimento superior de celleiro. Na parte posterior da casa ha uma horta cercada de muro e cheia de louçãs arvores fructiferas, de que os proprietarios cuidam com singular carinho, embora a sombra d'ellas prejudique as hortaliças.

Tudo é pobre e mesquinho em casa de Antonio, assim como tudo é rico e luxuoso em casa de D. João. D. João vende cereaes na maior parte do anno, e Antonio é repetidas vezes, ou quasi sempre, obrigado a compral-os dois mezes antes da colheita.

(Continua) BRITO ARANHA.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

69.º

CARTA

Um condiscipulo meu, cuja morte hei de chorar sempre, tinha feito uma serie de extractos de varias phrases do compendio de philosophia por que estudavamos, sobre as quaes elle tinha suas dúvidas, quanto á vernaculidade e correcção grammatical.

Peço a v. se digne dar-lhe cabimento nos seus *Estudos da lingua materna*, porque me parece que, com as respostas que merecerem algumas das dúvidas que vão apontadas, hão de lucrar os que desejam escrever com acerto.— *Um estudante de philosophia.*

RESPOSTA

Accedendo ao convite que se nos faz, publicâmos as *dúvidas*, e em seguida a cada uma d'ellas a *resposta* que se deseja.

1.º— Deus tem tudo manifestado a nossos olhos, a nossa consciencia e a nosso juizo.— M. 165.

Esta oração é servilmente traduzida do francez, e, além do *tem tudo* ser mal soante, o *manifestado* logo depois de *tudo*, e por isso separado do *tem*, parece que tira ao verbo a fórma composta, e faz do *tem* não verbo auxiliar, mas o vérbo activo *ter*. É o *a tout manifesté* dos francezes.

R.— Tem razão.

2.º— E quando nós nos perguntâmos qual é Elle (Deus), etc.

Qual aqui vale o mesmo que *quem*, de modo que *qual é elle*, é como dizer *quaes são as suas propriedades*, *qual a sua natureza*, etc. Em portuguez, parece-me que a pergunta *qual é elle* só se faz para distinguir entre muitos objectos aquelle que se procura.

R.— É bom parecer.

3.º— Os corpos são conhecidos pelo *ministerio* dos sentidos. M. 115.

O *ministerio* aqui está bem empregado?

R.— Está. Assim estivessem todos os ministerios...

4.º— Chamam-se visagens todos os movimentos do rosto e olhos.— A. 35.

Se me não engano, a grammatica pedia que se dissesse *e dos olhos*.

R.— Não pedia, porque o supprimir-se aqui a preposição não causa ambiguidade.

5.º— Do complexo de todos os nossos modos de sentir e d'obrar.— M. 55.

Aqui, pelo contrario, parecia-me que se devia dizer *e obrar*, aliás sôa *dobrar*.

R.— Pela mesma razão apontada na resposta antecedente, se reconhece que a emenda aqui é bem feita.

6.º— Comparando o mais e menos dos objectos, etc.— M. 39.

Eu escreveria *o mais e o menos*, porque para comparar são necessarios dois termos, e *o mais e menos* é um só.

R.— Sim, senhor.

7.º— Abuso *defeso* pela lei.— M. 146.

Defeso entre nós parece valer o mesmo que *prohibido*, nos casos em que se manda evitar ou não usar certa coisa de si existente. Ex.: *armas defesas*.

R.— Está bem *abuso defeso*.

8.º— *Implicar*, no sentido de *involver*, parece-me gallicismo puro.

R.— Como verbo activo não é gallicismo.

9.º— *Identico a si mesmo* talvez se possa dizer, mas acho melhor, *identico comsigo mesmo*.

R.— Ambas as locuções são viciosas.

10.º— Erro metaphysico em que tem incorrido philosophos, etc.— M. 20.

Não acho bom *incorrer em erro:* nem eu sei por quê.

R.— É talvez por ser dissonante; diga-se *cair em erro*, por exemplo.

11.º— Chama-se *bem* não só a *satisfação* da natureza do ente ou o *cumprimento* do fim, etc.— M. 41.

Haverá propriedade em *satisfação e cumprimento?*

R.— Em lingua berbér talvez isto seja muito claro e elegante.

12.º— Será proprio em anatomia dizer *filetes* para explicar o que são nervos?

R.— A imagem não é feliz, mas não faz mal aos nervos.

(Continua) A. DA SILVA TULLIO.